

## **Representações do fazer jornalístico no discurso do humor: o caso da série *Polêmica da Semana*, do canal Porta dos Fundos<sup>1</sup>**

Rafaella Bertolini Carlini<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a série *Polêmica da Semana*, do canal Porta dos Fundos, a fim de compreender como se dão as relações dialógicas estabelecidas em vídeos de humor no YouTube que recorrem, como estratégia de produção de sentido, à incorporação de elementos de discursos midiáticos e, sobretudo, jornalísticos. Além da análise dos materiais, a fim de compreender o caráter possivelmente satírico, paródico e/ou crítico presente no produto humorístico analisado, observaremos algumas manifestações produzidas a partir da *leitura* da série *Polêmica da Semana* que se manifestam na própria cultura midiática, recuperadas a partir de comentários deixados por espectadores no próprio canal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica; Jornalismo; Humor; Porta dos Fundos; Dialogismo.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta reflexões parciais desenvolvidas no âmbito de uma pesquisa de iniciação científica em curso na Universidade Anhembi Morumbi. No projeto ao qual se vincula o presente trabalho, buscamos compreender como se dão as relações dialógicas em vídeos de humor no YouTube que recorrem, como estratégia de produção de sentido, à incorporação de elementos de discursos midiáticos, sobretudo, jornalísticos.

Como objeto de análise, consideramos a série *Polêmica da Semana*, do canal Porta dos Fundos. Ao longo da pesquisa, esperamos refletir sobre o caráter possivelmente satírico, paródico e/ou crítico presente no produto humorístico analisado, indagando sobre as representações do jornalismo e do campo político nesses objetos, assim como sobre a potencialidade do humor como espaço de exercício crítico e metacrítico (PAGANOTTI, SOARES, 2018).

Formado por comediantes que defendem um humor pautado pelo respeito aos direitos humanos, assumindo posicionamentos relativamente *progressistas* no campo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisadora de Iniciação Científica pela mesma instituição, sob orientação da Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin. Integrante do Grupo de Pesquisa RisoMídia – Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual. E-mail: [rabecar.15@gmail.com](mailto:rabecar.15@gmail.com).

humorístico, o coletivo *Porta dos Fundos* foi criado em 2012 por Antonio Tabet, Fábio Porchat, Gregório Duvivier, João Vicente de Castro e Ian SBF. Dez anos depois, o canal no YouTube conta com 17,3 milhões de inscritos e mais de sete bilhões de visualizações<sup>3</sup>. Além disso, em 2019, o grupo venceu o Emmy Internacional de Comédia e chegou ao México com o canal *Backdoor*, que possui atualmente 4,35 milhões de inscritos<sup>4</sup>.

Como problema de investigação, a pesquisa indaga sobre os tipos e natureza das relações dialógicas estabelecidas em vídeos de humor no YouTube em relação aos discursos jornalísticos, bem como sobre as formas pelas quais tais relações são percebidas por espectadores em sua interação com os vídeos em questão. Para tanto, acreditamos que o discurso humorístico contemporâneo se volte centralmente à própria cultura midiática, entendida como reservatório de referências e objeto possível de riso.

Dentre os pontos considerados como pressupostos à formulação do problema de pesquisa, destacamos aqui o fato de que o campo do humor tem se mostrado como um espaço de condensação e potencialização de conflitos, polêmicas e disputas discursivas transversais à sociedade, como assinala Possenti (2018), aspecto que pode influenciar as formas pelas quais os vídeos humorísticos mobilizam, incorporam e dialogizam elementos do discurso jornalístico.

Feita esta breve introdução da proposta deste artigo, passaremos, na próxima seção, à apresentação de alguns conceitos-chave do Quadro Teórico de Referência que norteia o trabalho, bem como do desenho metodológico da pesquisa.

## **PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Como conceito central a partir do qual buscaremos discutir neste trabalho a série *Polêmica da Semana*, do canal *Porta dos Fundos*, destacamos a noção de dialogismo, como formulada e explorada por pensadores do chamado Círculo de Bakhtin. Isso porque, segundo essa perspectiva, a produção de sentido envolve diretamente o conhecimento e mobilização de relações entre diferentes textos de uma cultura. No universo da linguagem, este fenômeno é conhecido como dialogismo, conceito introduzido pelo filósofo da linguagem soviético Mikhail Bakhtin.

Para Bakhtin (1983, p. 86 apud MARCUZZO, 2008), a língua é constituída justamente por meio de relações sociais, feitas a partir da enunciação ou das enunciações

---

<sup>3</sup> Dados verificados em 4 de julho de 2022.

<sup>4</sup> Dados verificados em 4 de julho de 2022.

proferidas e acumuladas ao longo do tempo. Ou seja, o dialogismo representa o princípio constitutivo da linguagem, em que os significados produzidos por meio dela conversam constantemente com experiências e percepções anteriores.

Segundo Barros (2003, p. 2), o conceito de dialogismo pode ser compreendido em dois sentidos principais: o da interação entre enunciador e enunciatário e o da intertextualidade no interior do próprio discurso. A perspectiva de dialogismo interacional, como assinala a autora, está ligada ao deslocamento do conceito de sujeito, que perde centralidade e passa a ser visto como atravessado por vozes sociais – perspectiva compartilhada por analistas do discurso de linha francesa. Já a dimensão da intertextualidade, mais frequentemente explorada na obra de Bakhtin, diz respeito ao “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define”, de modo que a intertextualidade se converte em “condição primeira de que o texto deriva” (BARROS, 2003, p. 4).

Sobre paródias e sátiras, Bakhtin (1970 apud FÁVERO, 2003) aponta que, ainda que haja diferenças substanciais entre os gêneros, eles se aproximam no que possuem de mais fundamental, a saber: “permitem reconhecer explicitamente uma semelhança com aquilo que negam, a palavra tem duplo sentido, voltando-se para o discurso de um outro e para o objeto de um discurso como palavra” (FÁVERO, 2003, p. 53).

Considerando essa base conceitual, a fim de ser possível construir uma reflexão mais consistente sobre as possíveis críticas à prática jornalística presentes na produção do grupo Porta dos Fundos, é preciso compreender previamente o que seus integrantes consideram como elementos norteadores de sua produção. Gregório Duvivier<sup>5</sup> e Antônio Tabet<sup>6</sup>, por exemplo, membros do canal e roteiristas das esquetes da série *Polêmica da Semana*, já frisaram que o Porta dos Fundos tem como principal objetivo fazer humor, mas o foco do riso, por parte do grupo, é sempre em torno da figura que historicamente oprimiu e não da que foi oprimida.

Em relação à liberdade de expressão, tema frequentemente debatido no campo do humor, os humoristas do Porta dos Fundos também sustentam posicionamentos significativos. A respeito das tentativas de censurar o especial de Natal de 20 da produtora, que causou forte reação entre grupos religiosos por representar um Jesus homossexual, Fábio Porchat e Tabet defenderam de maneira veemente a liberdade de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/LxfL8hbzlbU>. Acesso em 07 jun. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://youtu.be/EmwGcHhNPjc>. Acesso em 07 jun. 2022.

expressão em entrevistas concedidas a veículos de mídia, criticando a vocação *censória* do governo Bolsonaro (SCABIN, 2021).

Em entrevista para o jornal *O Estado de S. Paulo*, uma fala de Porchat evidencia a concepção de que o humor, porque ancorado no riso, deve poder falar de *tudo*, ao mesmo tempo em que reconhece os limites constitucionais da liberdade de expressão à luz de outros direitos: “Acreditamos que podemos fazer piada com tudo e com todos – as pessoas deveriam aprender a rir. Pregamos a liberdade de expressão, dentro da lei” (PORCHAT apud BRASIL, 2020, *online*). Por mais trivial que pareça, a defesa dessa posição é relevante porque demarca um posicionamento, por parte do Porta, distinto daquele sustentado por humoristas ditos *politicamente incorretos*, que defendem a liberdade irrestrita do humor, inclusive para propagar preconceitos e ofender minorias.

A recuperação desse tipo de perspectiva nos ajuda a caracterizar o *momento da produção*, umas das etapas constitutivas do processo de comunicação, que, como assinala Hall (2003), estrutura-se a partir da articulação entre momentos interdependentes, porém singulares (produção, circulação, distribuição e consumo). Como defende Miranda (2020), um procedimento útil para a compreensão de características da instância de produção de diferentes objetos midiáticos diz respeito justamente à recuperação de entrevistas e declarações de seus integrantes a diferentes veículos midiáticos. Nesse sentido, dialogamos também com a ideia de *circuito da cultura* em Escosteguy (2007), destacando a importância de ter em mente o papel desempenhado pelas *culturas de produção* de vídeos humorísticos para o YouTube, a constituição desses produtos enquanto *texto* e as manifestações produzidas a partir de sua *leitura* na cultura midiática.

Com base nessa compreensão acerca do processo de comunicação e considerando os objetivos e problema de pesquisa que nos norteiam, o presente trabalho se dedicará, em sua próxima seção, a contextualizar, por meio de revisão bibliográfica, as formas pelas quais o canal Porta dos Fundos tem mobilizado, ao longo de sua trajetória, representações críticas do campo jornalístico. Na seção subsequente, buscaremos refletir sobre a série *Polêmica da Semana* em sua dimensão de *texto audiovisual*, com foco na forma como práticas jornalísticas são representadas, o papel de relações dialógicas para a produção de sentido e o caráter eventualmente crítico de seus vídeos.

Por fim, em um terceiro momento, observaremos algumas manifestações produzidas a partir da *leitura* da série *Polêmica da Semana* que se manifestam na própria cultura midiática, recuperadas a partir de comentários deixados por espectadores no

próprio canal Porta dos Fundos no YouTube. De maneira complementar, buscaremos também levantar expressões da recepção articuladas em lugares mais tradicionais de crítica, com destaque para o rastreamento de possíveis repercussões da série em portais jornalísticos (SOARES; SILVA, 2016).

Por fim, antes de passar para a próxima seção do trabalho, cabe reforçar que este artigo apresenta constatações parciais de uma pesquisa ainda em andamento. Ao mesmo tempo, as operações aqui apresentadas possuem caráter exploratório, e serão refinadas, do ponto de vista metodológico, em etapas posteriores da pesquisa que procurarão chegar a resultados mais sistematizados a respeito do objeto em foco.

### **A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISMO NO HUMOR**

A percepção social sobre o jornalista e a prática jornalística dialogam com as maneiras pelas quais a sociedade visualiza o profissional, o que se manifesta na forma como o jornalismo é representado em produtos audiovisuais voltados ao entretenimento, como observam Ambrósio, Gavirati e Simas (2015).

Dentre as obras audiovisuais com maior poder de difusão, estão as produções cinematográficas, dentre as quais, segundo Christa Berger (2002 apud AMBRÓSIO; GAVIRATI; SIMAS, 2015), até o ano 2000, era possível encontrar 785 filmes abordando o jornalismo, suas práticas e seus profissionais.

Trazendo para uma realidade mais próxima e atual em que, com a popularização da tecnologia, esquetes originárias da internet ganharam relevância, temos o caso do canal humorístico Porta dos Fundos, que desenvolve peças cômicas baseadas em situações do cotidiano. O jornalismo e seus profissionais também foram pautas do canal.

Apesar da maior tradição e poder de difusão das produções cinematográficas, teatrais e televisivas, com a expansão da tecnologia, as esquetes veiculadas na internet ganham destaque social, haja vista que algumas destas chegam a ser visualizadas mais de 15 milhões de vezes. As esquetes são peças de curta duração, com caráter cômico, geralmente produzidas no rádio, televisão ou teatro, retratando temas como cultura, política e sociedade (AMBRÓSIO; GAVIRATI; SIMAS, 2015, p. 120-121).

O canal Porta dos Fundos utiliza tom humorístico para realizar críticas sociais. De acordo com Camila Alavarce (2009 apud AMBRÓSIO, GAVIRATI; SIMAS, 2015), a compreensão de um discurso irônico é fundamental para a participação do receptor da mensagem; por isso, no caso do *Porta dos Fundos*, torna-se fundamental o recurso a

descrições, fornecidas para cada vídeo no próprio canal, que norteiam os receptores da ótica a partir da qual cada crítica é feita.

Não obstante, pode-se entender que, para que as críticas atribuídas sejam compreendidas, a subjetividade do interlocutor é fundamental. Portanto, as pré-impressões que a audiência tem do jornalismo – ou percepção sobre ele – interferem em como a crítica é decodificada, para usar o conceito de Hall (2003); logo, quando um vídeo como os do *Porta é visto e compreendido pelo público, pode-se supor quais impressões acerca do jornalista possivelmente já estavam em circulação entre essa audiência.*

Outro ponto válido a se destacar é que, quando consideramos o caso do *Porta dos Fundos*, por se tratar de um canal de produções humorísticas brasileiras, é possível ter contato com as representações e percepções sobre o jornalismo formuladas especificamente em âmbito nacional.

Quando recuperamos a análise desenvolvida por Ambrósio, Gavirati e Simas (2015), algumas constatações relevantes a esta pesquisa podem ser destacadas, tanto no sentido de nos dar pistas sobre algumas das formas pelas quais representações do jornalismo são construídas em vídeos do *Porta dos Fundos* quanto no sentido de indicar caminhos analíticos que poderão ser úteis ao nosso trabalho. Cabe observar, nesse sentido, que os autores desenvolvem suas reflexões com base em dois vídeos humorísticos do canal, como passamos a descrever a seguir.

a) Vídeo 1 - *Entrevista*<sup>7</sup> (publicado em 24/01/2013)

Segundo a descrição fornecida para o vídeo no próprio canal: “‘Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu’. Quem era o gato? Há testemunhas? A fonte é segura? O que Sociedade Protetora dos Animais pensa sobre isso? Quando a mídia sensacionalista quer, é capaz de sobrar até para Dona Chica”.

Como Ambrósio, Gavirati e Simas apontam (2015), o jornalista é representado como alguém excessivamente inquisitivo, o que se mostra tanto na forma como induz o entrevistado a adentrar em assuntos delicados quanto em suas próprias réplicas. Nesse sentido, o repórter é representado como alguém que busca gerar manchetes impactantes, levando o entrevistado a afirmar coisas em que não acredita.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bDyq0u2vAc4> . Acesso em: 04 Mai. 2022.

Extrapolando a análise desenvolvida por Ambrósio, Gavirati e Simas (2015), é possível observar também manifestações por parte da recepção do vídeo registradas entre os comentários deixados no YouTube. Nesse caso, é possível identificar que ao menos *parte* da audiência identificou a crítica feita ao jornalismo no vídeo, como mostram os exemplos a seguir:

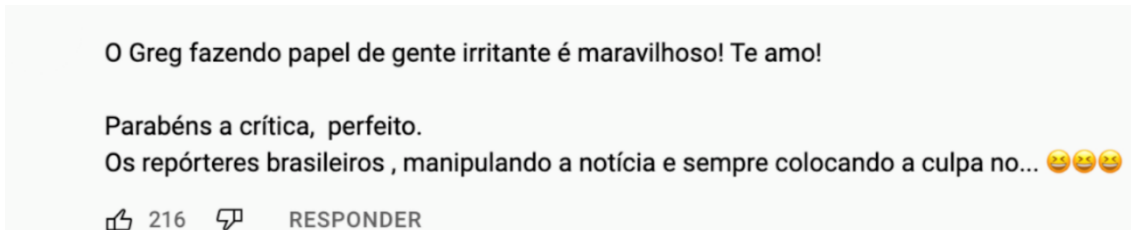


Figura 1 - Comentário de espectador(a) sobre o vídeo *Entrevista*, no canal Porta dos Fundos no YouTube.  
Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

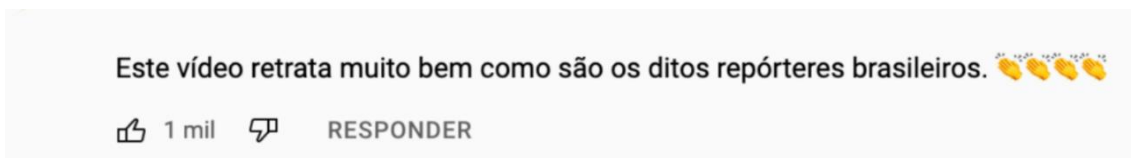


Figura 2 - Comentário de espectador(a) sobre o vídeo *Entrevista*, no canal Porta dos Fundos no YouTube.  
Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

#### b) Vídeo 2 - *Fofoca*<sup>8</sup> (publicado em 29/05/2014)

Segundo a descrição fornecida para o vídeo no próprio canal:

No mundo moderno, é essencial acompanhar as notícias e acontecimentos mais importantes. Você abre seu portal ou jornal favorito e, aflito, descobre que Gracyanne Barbosa postou um novo segredo de boa forma nas redes sociais. Aí você respira, pondera sobre como essa informação vai alterar o seu futuro e segue agoniado por saber que isso fará o dólar disparar. Ou não. (PORTA DOS FUNDOS, 2014, *online*).

Como mostra a análise desenvolvida por Ambrósio, Gavirati e Simas (2015) sobre esse vídeo, o jornalista é representado como alguém que se preocupa com o interesse do público – não com o interesse público. O vídeo mostra uma busca incessante dos veículos por audiência ou acesso.

Do mesmo modo como observamos em relação à esquete *Entrevista*, é possível observar, no caso de *Fofoca*, que houve identificação da crítica proposta pelo vídeo por parte da audiência, como ilustra o exemplo a seguir:

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fqH3\\_8CU5SI](https://www.youtube.com/watch?v=fqH3_8CU5SI). Acesso em: 04 Mai. 2022.

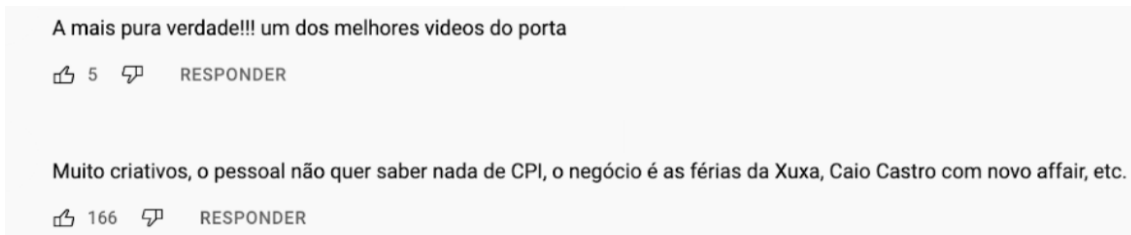


Figura 3 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Fofoca*, no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Feitas essas observações gerais a partir de revisão bibliográfica sobre a representação do jornalismo no canal Porta dos Fundos, passaremos, na próxima seção, à discussão da série *Polêmica da semana*.

### **CHACINAS<sup>9</sup>: ANÁLISE DE UM EPISÓDIO DE *POLÊMICA DA SEMANA***

As esquetes da série *Polêmica da Semana* chamam a atenção por buscarem representar um modelo adotado por grande parte da imprensa de referência, a saber: a preocupação em ouvir os *dois lados* sobre um fato ou tema – mesmo quando um dos lados representa posicionamentos extremistas, negacionistas, sem lastro na realidade ou contrários aos pilares da democracia.

Trata-se de uma prática alicerçada sobre a preocupação em revestir o discurso jornalístico de um efeito de sentido de objetividade, um dos pilares do jornalismo de referência, afirmado em manuais de redação e projetos editoriais de diferentes veículos. Para citar apenas um exemplo, o *Manual de Redação* do jornal *Folha de S. Paulo*, embora assuma que “não existe objetividade em jornalismo”, já que toda a atividade do jornalista é pautada por decisões subjetivas, aponta para “a obrigação de ser o mais objetivo possível” a partir do relato fiel dos fatos, o que depende de uma postura de “afastamento” e “frieza” por parte do profissional (FOLHA DE S. PAULO, 2008, p. 46).

Neste ponto, cabe fazermos uma crítica à forma como alguns veículos jornalísticos levam a cabo a prática de ouvir os *dois lados* de uma contenda, especialmente quando acabam dando voz a posicionamentos extremistas, antidemocráticos e negacionistas, que contribuem para o cenário de desinformação generalizado que vivemos atualmente. Nessas situações é possível supor que a tentativa de manter uma aparência de neutralidade frente ao público abre precedentes para pontos

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bNEtXTfUfo&t=142s>. Acesso em: 12 Jun. 2022.



que podem interferir na qualidade do debate público, porque, por mais “absurdo”, quando um posicionamento é veiculado por uma emissora ou jornal, ganha certa legitimidade frente à audiência.

Passando à reflexão sobre a materialidade da série *Polêmica da Semana*, elegemos, como objeto de análise exploratória neste momento, o episódio intitulado *Chacinas*, publicado no canal Porta dos Fundos no YouTube em 5 de julho de 2021. A partir desse exercício analítico, esperamos identificar elementos gerais relacionados ao tom que o grupo humorístico Porta dos Fundos adota na representação da prática jornalística de dar voz aos *dois lados* de uma discussão. Com base nas observações realizadas, esperamos avançar, na continuidade da pesquisa, em relação à análise dos demais vídeos da série.

Na descrição fornecida pelo próprio canal para o vídeo *Chacinas*, lemos o seguinte: “Todo mundo sabe que a polícia só mata se tu der motivo, né? Quer morar em favela, andar sem camisa e ficar vivo? Aí é foda, parceiro. Mas toda história tem dois lados e por isso uma discussão sadia e sem juízo de valor algum é necessária”.

Logo no início do vídeo, cujo roteiro é assinado por Antônio Tabet, o apresentador (que, em sentido amplo, pode ser entendido como uma representação da própria instituição jornalística, e não de um jornalista em particular) gesticula, sinalizando, com as mãos, o uso de aspas ao se referir ao tema *chacinas* – como se questionasse a própria gravidade desse tipo de ocorrência.

Tal atitude pode ser interpretada como a postura, por parte de profissionais de imprensa, que, ao abordar fatos que, embora sejam concretos, tendem a ser minimizados ao serem apresentados como mera *opinião* (como se descrever uma ação policial que termina em diversas mortes como uma *chacina* fosse um juízo de valor, e não uma constatação objetiva).

Logo após a introdução do tema, inicia-se a apresentação dos personagens. Primeiro, há a descrição do personagem Dr. Fernando, interpretado pelo comediante Antônio Tabet, que representa um especialista em Segurança Pública. No quadro, ele assume uma posição crítica quanto às ações violentas da polícia (Figura 4).



Figura 4 - trecho do vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)* no canal Porta dos Fundos no YouTube.  
Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

O personagem é representado de maneira séria, sem nenhum aspecto caricatural. No meio de sua fala, justamente na hora em que estaria apresentando os dados para justificar seu posicionamento, o jornalista apresentador o interrompe. Nessa passagem, é possível interpretar a crítica do Porta dos Fundos como dirigida ao fato de o jornalismo não dar o devido espaço aos fatos, mas sim, à polêmica em torno deles; ou seja, a crítica dirige-se ao fato de muitos veículos de imprensa darem menos importância à relevância pública do que ao interesse *do público*.

Surge, então, o defensor do *outro lado*: taxista e proprietário de um bar, sua representação na esquete é extremamente caricaturizada. Dessa forma, os argumentos do personagem, interpretado por Estevam Nabote (Figura 5), não apresentam simetria em termos de especialização ou precisão técnica quando comparados aos do especialista. O próprio estatuto do enunciador, descrito como um “taxista” e “dono de bar” – portanto, alguém sem conhecimento na área de Segurança Pública –, parece buscar sublinhar a ideia de falta legitimidade, por parte do personagem, para falar sobre o assunto.

Ao mesmo tempo, quando consideramos o conteúdo das falas desse personagem, vemos um discurso simplista e acusatório, que não recorre a dados; além disso, ele abusa dos estereótipos dos rivais para, além de partir para o tema, atacar seu *adversário*. Finalmente, após a apresentação das duas argumentações, o jornalista apresentador afirma que o tema abordado “divide opiniões” – traçando, novamente, uma falsa simetria entre os lados representados –, como se o assassinato de civis por policiais fosse uma questão meramente de *opinião*.



Figura 5 - trecho do vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube.  
Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Há, então, a figura de uma terceira pessoa, a princípio indecisa, mas que, após as argumentações, supostamente pode fazer a *escolha de seu lado*.



Figura 6 - trecho do vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube.  
Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Interpretada por Jefferson Schroeder (Figura 6), a personagem – uma senhora, parte do público do programa jornalístico – mostra o caráter inócuo do debate proposto, pois, do ponto de vista informativo, não fundamenta reflexões ou tomadas críticas de posição, já que a interlocutora continua sustentando uma opinião distorcida e superficial em relação ao assunto, baseada exclusivamente no senso comum e em impressões sustentadas em vivências individuais, além de revelar afirmações preconceituosas e condescendentes em relação ao uso das forças policiais (recurso público) para fins privados. Transcrevemos a seguir alguns trechos do depoimento:

Olha, é uma pergunta complicada, né? Mas eu acho que assim, qualquer sociedade tem que ter polícia.

Lá na minha rua, por exemplo, tem o sargento Jairo, conhecido da gente, tá sempre com o menino lá, o capanga dele, o escurinho, não sei o nome, mas estão sempre

juntos. Dou lanche, dou coisa, pedem cachê pra gasolina pra andar com os carros, porque eles não têm, né?

Mas ninguém quer o bandido. E eles sabem disso. (...)

Então tem um menino aqui na rua que nunca mexeu, mas é coisa da cabeça...

E ele passa cocô nas maçanetas, nas coisas, na cabeça dele, passou cocô nos cachorros, e esses dias a polícia levou, porque a gente ligou e levou. Só que não deu tiro. Isso que eu admiro. Que aí não faz barulho. Que a gente que tem cachorro, incomoda. O cachorro não gosta de tiro.

Eu tenho uma pequeninha, a Fiona, "york" com "shire", ela tem medo do tiro. Então o que eu acho? Tem que ter polícia, assim não coisa o bandido, mas sem dar tiro, sem buzina, que os cachorros não têm culpa. (PORTA DOS FUNDOS, 2021, *online*).

Diante deste breve exercício analítico, convém lembrar que a ambiguidade é um elemento comum ao humor, pois, como afirma Eagleton (2020): “O humor pode ser conflituoso ou comunitário, difamador ou celebratório, mas tais qualidades não precisam ser lados da mesma moeda” (EAGLETON, 2020).

No caso do episódio *Chacinas*, ao assumir uma crítica diante do fato relatado, o próprio Porta dos Fundos poderia estar exposto ao mesmo equívoco gerado pela prática jornalística que pretende questionar a saber: colocar em posição de equivalência ou simetria posições desigualmente qualificadas. Mas o grupo assume tom oposto ao que critica, já que, na série *Polêmica da Semana*, a representação estereotipada e caricata de um dos lados indica claramente que não se trata de pontos de vista equivalentes.

## MANIFESTAÇÕES A PARTIR DO LUGAR DE RECEPÇÃO

Quanto às manifestações por parte da recepção do vídeo, realizamos um levantamento, em caráter igualmente exploratório, de comentários publicados no próprio YouTube do Porta dos Fundos sobre o episódio *Chacinas* da série *Polêmica da Semana*. Observando alguns desses comentários (Figuras 7 e 8), é possível identificar que o vídeo levou à expressão de críticas por parte da audiência em relação ao jornalismo e ao debate político promovido por parte dos veículos jornalísticos.



Figura 7 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Chacinas* (*Polêmica da Semana*), no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

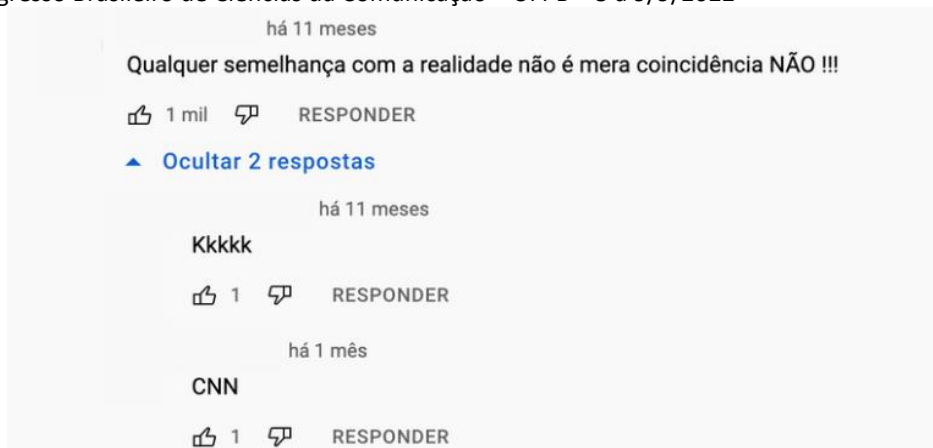


Figura 8 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Em alguns casos, como mostra a Figura 9, os espectadores estabelecem conexões com programas e jornalistas específicos:

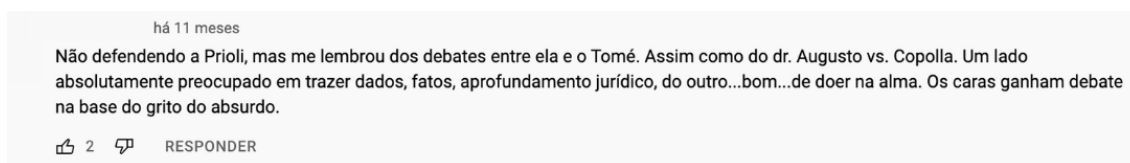


Figura 9 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Outro ponto relevante diz respeito ao caráter ambíguo do humor. Enquanto o comentário apresentado na Figura 10 faz uma crítica à audiência que supostamente recepcionaria de forma *literal* o conteúdo, a Figura 11 apresenta um comentário de um espectador que parece não ter percebido a intencionalidade paródica e irônica do vídeo.

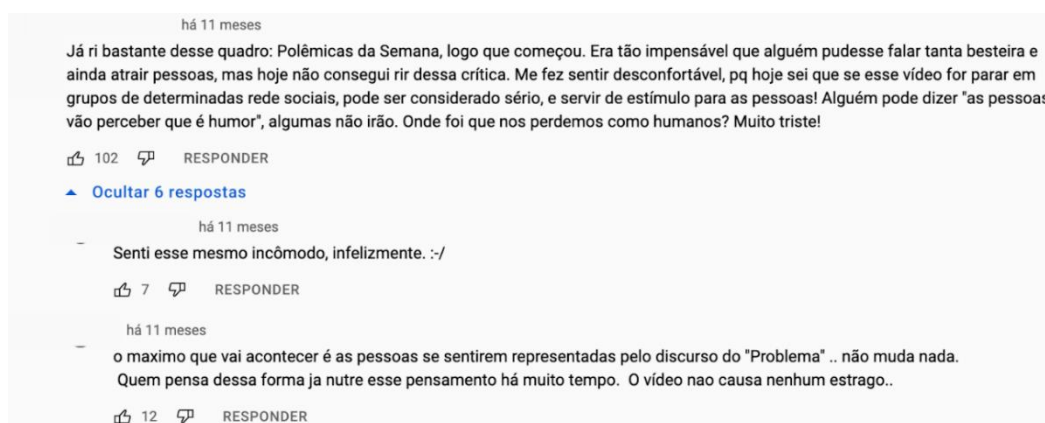


Figura 10 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

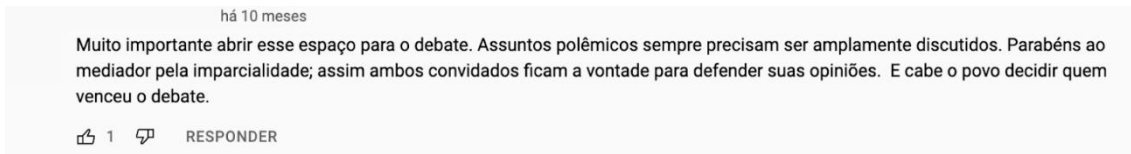


Figura 11 - Comentários de espectadores(as) sobre o vídeo *Chacinas (Polêmica da Semana)*, no canal Porta dos Fundos no YouTube. Fonte: Captura de tela realizada pela autora/YouTube.

Em relação a expressões da recepção em lugares mais tradicionais de crítica, encontramos, em veículos jornalísticos da imprensa de referência, apenas um texto sobre *Polêmica da Semana* (embora, se considerarmos a produção do Porta dos Fundos, de maneira geral, seja possível encontrar um número maior de ocorrências). Referimo-nos a uma pequena nota, intitulada *Isolamento social reinaugura a Polêmica da Semana, do Porta dos Fundos*, publicada em 14 de agosto de 2020 na coluna de Cristiane Padiglione.

No texto, encontramos uma relação entre a série do Porta e uma tendência, em ascensão em diferentes emissoras de TV, de investir em quadros de debate. Em especial, Padiglione (2020) destaca o caso do quadro *O Grande Debate*, da CNN Brasil, destacando-o – de maneira aparentemente positiva – como expressão de espaço para a divergência na TV. Nesse sentido, pode-se observar que a nota – embora não apresente pretensão de aprofundamento – parece fazer uma leitura superficial da série *Polêmica da Semana*, sem destacar o cerne da crítica do Porta ao fazer jornalístico: a colocação, em posição de simetria, de vozes munidas de graus profundamente desiguais de qualificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises feitas até o momento, é possível constatar que o canal Porta dos Fundos tem mobilizado, por meio das esquetes da série *Polêmica da Semana*, representações críticas também do campo jornalístico, sobretudo quando a mídia, na tentativa de ser imparcial, acaba por colocar em posição de equivalência ou simetria posições desigualmente qualificadas.

Para atingir este resultado o canal humorístico assume um tom oposto ao que eles criticam realizando representações extremamente abstratas como forma de enfatizar e também diferenciar-se do modelo parodiado.

## REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, M. C.; GAVIRATI, V. C.; SIMAS, H. C. Porta dos Fundos: a prática jornalística no discurso humorístico. **Revista Eletrônica Mutações**, janeiro/julho, 2015

BARROS, D. L. P. “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BRASIL, Ubiratan. ‘Nossa liberdade é inegociável’, diz Fábio Porchat, do Porta dos Fundos. **O Estado de S. Paulo**, Televisão, São Paulo, 19 Mar. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,nossa-liberdade-e-inegociavel-diz-fabio-porchat-do-porta-dos-fundos,70003238773>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

EAGLETON, T. **Humor: O papel fundamental do riso na cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, nov./2007, p. 115-135.

FÁVERO, Fávero, L. L. Paródia e dialogismo. In *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. 13.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIRANDA, Amanda S. Uma proposta para a análise de objetos audiovisuais. In: SOARES, Rosana de L.; GOMES, Mayra R. **Narrativas midiáticas: crítica das representações e mediações**. São Paulo: ECA-USP, 2020. p. 283-302.

MARCUZZO, P. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. **Cadernos do IL**, [S. l.], v. 1, n. 36, p. 2–10, 2008. DOI: 10.22456/2236-6385.18908. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/18908>. Acesso em: 7 jul. 2022.

PADIGLINONE, Cristiane. Isolamento social reinaugura a Polêmica da Semana, do Porta dos Fundos. **TELEPADI**, Folha de S. Paulo, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/em-tempos-de-tantos-debates-porta-dos-fundos-resgata-quadro-polemica-da-semana/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PAGANOTTI, Ivan; SOARES, Rosana de Lima. A meta para a crítica da/na mídia em abordagens metacríticas. **MATRIZES**, v. 13, n. 2, 2019, p. 131-153.

PORTA DOS FUNDOS. Fofoca. **YouTube**, 29 Mai. 2014.

PORTA DOS FUNDOS. Chacinas. **YouTube**, 05 Jul. 2021.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

SCABIN, Nara Lya Cabral. Sentidos de liberdade de expressão na circulação de produções humorísticas: reflexões a partir do caso da produtora Porta dos Fundos. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2021. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2021.

SOARES, R. L.; SILVA, G. Lugares da crítica na cultura midiática. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 13, n. 37, mai./ago. 2016, p. 9-28.